

Resenha de: **AMOSSY, Ruth. *A Argumentação no Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.ⁱ**

ADRIELE BARBOSA SANTOS

Aluna da Licenciatura em Letras

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: adrielevufs@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4196-1372>

A Argumentação no Discurso (2020) é a obra mais recente de Ruth Amossy no Brasil, publicada pela editora Contexto. É uma tradução feita por Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira, do original francês *L'argumentation dans le discours*, publicado em 2021 pela editora Armand Colin, em Paris.

Trata-se de um estudo empírico sobre o princípio da argumentatividade que atravessa o discurso em seu conjunto, assim como integra as novidades mais marcantes no domínio da retórica e das teorias da argumentação, em paralelo com a Análise do Discurso.

Ruth Stella Amossy¹ nasceu em Arad (Romênia) em 1964, cursou graduação Letras (francês e inglês) e mestrado em literatura francesa na Universidade de Telavive e doutorou-se pela Universidade Paris 8 Vincennes-Saint-Denis. Ela é professora emérita da Universidade de Telavive, onde atuou de 1968 a 2008; coordena o grupo de pesquisa 'Análise do Discurso, Argumentação, Retórica' (ADARR) e é editora da revista *Argumentation et Analyse du Discours*.

Ela se consolidou como referência nos estudos discursivos de interações verbais, por preocupar-se em estabelecer um vínculo entre a linguagem e a retoricidade no que se refere ao contexto sócio-histórico da produção dos discursos.

A obra está dividida em quatro partes, antecedidas por um prefácio e uma introdução, totalizando 288 páginas. A primeira parte trata do dispositivo de enunciação, a segunda parte apresenta os fundamentos da argumentação, a terceira versa sobre a questão do *pathos* e do *logos*, e a última parte fala dos gêneros do discurso.

Já de início, no prólogo, a autora revela algumas distinções que são marcantes, como a ideia de “visada argumentativa” e de “dimensão argumentativa”, porque são elementos importantes ao analisarmos a forma pela qual a argumentação se configura com o público. Amossy diz que “o discurso procura sempre produzir um impacto sobre o seu público” (p. 7). Isto é, o discurso irá possuir uma visada argumentativa, mas também poderá modificar a orientação dos modos de sentir e de ver, o que o leva a possuir uma dimensão argumentativa.

¹ Mais informações curriculares em: <https://english.tau.ac.il/profile/amossy>. Acesso em: 10. nov. 2022.

A obra faz outra distinção importante é entre Retórica e Argumentação. Para tanto, a autora recupera a defesa de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), no *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, os quais consideram que tanto a Argumentação quanto a Retórica designam “todos os meios verbais suscetíveis de fazer os espíritos aderirem a uma tese”. (AMOSSY, 2020, p. 11).

Do ponto de vista da argumentação do discurso, Amossy entende que é importante compreender simultaneamente, como “o discurso faz ver, crer e sentir, e como ele faz questionar, refletir e debater, pois, essas duas tendências estão intimamente ligadas e são, por vezes, indissociáveis nas práticas languageiras”. (AMOSSY, 2020, p. 11). Considera que os termos são “permutáveis” e com isso, visam um estudo tanto da ordem da Retórica, quanto da Dialética.

Apesar de discutir sobre essas e algumas outras questões norteadoras no prólogo, a autora em seguida traz uma introdução a qual traz um enfático panorama histórico, na medida que apresenta uma retrospectiva das teorias linguísticas, argumentativas e discursivas.

A introdução tem o objeto de não só levar o leitor a buscar conceitos específicos, mas principalmente atualizar a teoria retórica com os saberes produzidos na contemporaneidade. Em razão disso, a autora fala das “abordagens da eficácia discursiva”, que são aquelas com as quais a argumentação do discurso mantém relação e que buscam examinar os fundamentos retóricos, lógicos e pragmáticos.

Ao tratar dos fundamentos da análise argumentativa, autora mostra um panorama dos estudos retóricos ao longo do tempo, que parte das concepções de Aristóteles com a “arte de persuadir”, adentra na “arte do ornamento”, com destaque para Petrus Ramus e sua filosofia, e encerra com a influência recíproca entre orador e auditório na troca social, com destaque para Perelman e Olbrechts-Tyteca, responsáveis por romper com o paradigma clássica e propor uma Neoretórica.

Sobre os estudos da nova retórica, Amossy apresenta sua proposta nestes termos:

Se a nova retórica de Perelman, que não estuda os processos languageiros como tais, escapa ao domínio da linguística, ela oferece, contudo, à análise do discurso um quadro essencial, na medida em que insiste sobre alguns constituintes essenciais: a importância do auditório, o caráter fundador das premissas e dos pontos de acordo na interação argumentativa e também os lugares comuns que balizam a argumentação. (AMOSSY, 2020, p. 24)

Os estudos de Perelman são fontes fecundas para aqueles que trabalham com o campo da linguística e análise do discurso, visto que apresentam uma reformulação dos conceitos retóricos e da argumentação na contemporaneidade, principalmente ao propor uma “nova retórica” reformulada com categorias como: o contrato dos espíritos; o orador e seu auditório; persuadir e convencer; os efeitos da argumentação; o acordo; e as técnicas argumentativas.

Ao falar dos fundamentos lógicos da argumentação, a teórica afirma que a lógica formal não a interessa de certo modo, dado que a lógica formal não se preocupa com a veracidade dos enunciados, mas com a validade lógica formal. Em substituição, ela apresenta

autores que são anti-lógica formal, como Grize², ao designar conceituações sobre a lógica natural.

Apesar de não haver confusão entre as teorias de Grize e Perelman, não há dúvidas que essas duas vertentes contemporâneas “elaboram paralelamente muitos princípios que se mostram como fundadores para análise argumentativa” (p. 29).

A autora adentra nos fundamentos pragmáticos da análise argumentativa, os quais são demarcados como uma “virada pragmática”. Esses fundamentos são divididos em: Pragmática, Pragmadialética, Argumentação na língua e Enfoques conversacionais. A partir desse quadro teórico pós-virada pragmática, Amossy diz que “pode-se definir, no espaço das ciências da linguagem, um domínio que se concentra sobre a análise do discurso em sua visada e/ou dimensão persuasiva. Esse é o objetivo da argumentação no discurso” (p. 40).

Após esse apanhado teórico transcrito na introdução, a primeira parte do livro debate sobre a inscrição do auditório no discurso. A autora se preocupa em reafirmar a importância do auditório para a nova retórica, uma vez que: “a nova retórica coloca, então, em relevo, a importância decisiva da instância de recepção na troca argumentativa” (p. 51). Em vista disso, mesmo ao considerar a ideia de auditório proposto por Perelman, Amossy propõe observar não só com que tipo de auditório o orador se relaciona, mas também “de que maneira a imagem do auditório construída pelo orador se inscreve na materialidade da troca verbal” (p. 51). Lembrando que, ao falar de “materialidade da troca verbal”, está se referindo aquilo que é o “texto” em si.

Outros pontos dessa questão do auditório são: a diferença entre um auditório face a face e um auditório virtual, em que deixa claro como a forma de interação impacta a análise argumentativa do discurso, já que o discurso argumentativo é sempre dialógico, mas não obrigatoriamente dialogal; a importância da *doxa* e do auditório como construção do orador; a estereotipagem do auditório (um dos conceitos principais apresentados pela autora), colocado como a ideia de pensar o real por meio de uma representação pré-existente, sendo que esse processo de construção de estereótipos estão ligados a *doxa*; as características/tipos dos/de auditórios e a construção de um auditório como estratégia argumentativa.

Ainda essa primeira parte apresenta um dos pontos mais emblemáticos dos estudos da autora, o conceito de *ethos*-prévio. Antes de adentrar em suas considerações, há um resgate do conceito de *ethos* por Aristóteles, o qual afirma que o *ethos* é a imagem discursiva que o orador revela quando inicia o seu discurso, pouco importante o que o auditório sabe sobre ele anteriormente. No entanto, ao longo do capítulo, Amossy expõe outras abordagens como a de Maingueneau, intitulada de *ethos* pré-discursivo, sendo a partir dele que irá desenvolver o seu conceito.

Assim, segundo Amossy (2020), *ethos*-prévio é a imagem que o orador revela ao seu auditório antes mesmo de iniciar o seu discurso, como traços de caráter, opiniões políticas, e qualquer outra informação que o auditório saiba previamente sobre aquele que discursa.

A segunda parte do livro versa sobre a *doxa*, destacando conceitos como topos, interdiscurso e as evidências compartilhadas, enfatizando a questão do acordo, visto que a “Retórica como arte de persuadir destaca a função essencial da *doxa* ou opinião comum na

² Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/LogNatural.htm>. Acesso em: 10 de dez. 2022.

comunicação verbal” (p. 107). Isto é, não se argumenta se não temos nada em comum, nem que seja pelo menos o assunto em discussão.

Nesse viés, Amossy estabelece uma relação entre *doxa*, topos e interdiscurso. A *doxa* (opinião comum) é concretizada pela ligação com os interdiscursos, ou seja, esse conjunto de discursos que se relacionam entre si, mas também com o topos, que se dá através dos lugares-comuns, das ideias preconcebidas e os estereótipos. Além disso, apresenta a diferença entre análise ideológica e análise argumentativa. A ideológica, não visa observar como a comunicação intersubjetiva se apoia na *doxa*, diferente da argumentativa, que busca isso.

Dentro dessas perspectivas, a noção de “sujeito” também é retratada, uma vez que, interessa-se por observar como eles se constituem no discurso. De conclusão sobre o assunto, a Amossy levanta um ponto importante: o sujeito é mais falado do que fala, pois, fala de dentro de um sujeito que é sócio-histórico, isto é, compartilha de representações/saberes coletivas/coletivos. A *doxa*, então, atravessa inconscientemente o sujeito falante, e podemos ver como isso é bem retrato no estudo da autora a partir dos exemplos que remetem a Segunda Guerra Mundial.

O destaque maior da terceira parte fica para as reflexões sobre o *phatos* e o *logos* na argumentação. Baseado nas concepções retóricas, o *pathos*, que se refere ao conjunto de emoções, crenças e paixões que o orador consegue causar no auditório, e o *logos*, que se encarrega do discurso, pois, através dele, demonstramos o que parece ser verdade de acordo com que se conhece de cada assunto.

Nas palavras de Amossy: “Se o *logos* diz respeito as estratégias discursivas e o *ethos* diz respeito a imagem do locutor, o *pathos* incide diretamente sobre o auditório.” (p. 1995). Desse modo, não podemos esquecer que o *pathos* é o efeito emocional produzido no alocutário. De maneira ampla, Ruth Amossy faz desdobramentos importantes nessa sessão do livro, já que o seu objetivo é mostrar esse vínculo discursivo entre *logos* e *phatos*, que resulta ainda, na apresentação das figuras no campo da argumentação.

A quarta parte é destinada aos “gêneros dos discursos” e a sua relação com a análise argumentativa. Segundo Amossy, a argumentação depende do quadro discursivo no qual ela se desenvolve, ou seja, depende do gênero do qual se insere.

Amossy, então, diz que o “gênero de discurso é um modelo discursivo que compreende um conjunto de regras de funcionamentos e restrições que (...) autorizam, de fato, a boa recepção de um discurso, orientando a escuta ou a leitura.” (p. 245).

É interessante destacar ainda, que nessa parte final, a autora apresenta uma análise de gêneros discursivos com exemplos reais, como é o caso de um texto publicado em carta aberta, em 1920, por Medeleine Vernet, o qual aborda questão feministas naquele período de guerra; também entrevistas televisivas sobre as eleições presidências francesas no ano de 2002, com a divisão entre esquerda e direita e como a imagem dos candidatos é vista pelo auditório. Através dessas análises podemos perceber que ela consegue, de fato, destacar e pontuar todos esses elementos e possibilidades apresentados anteriormente, como é o caso do *ethos*-prévio, da *doxa*, o interdiscurso etc.

A importância deste livro como componente para os estudos linguísticos, da análise do discurso e da argumentação. A autora em 288 páginas, apresenta um fatídico panorama sobre a Retórica, na medida que, a partir dela, busca trazer um olhar mais discursivo e contemporâneo sobre os estudos da argumentação. É válido lembrar que já temos uma

argumentação na língua e uma na interação, com isso, ela propõe nos seus estudos, uma argumentação no discurso, já que essa obra é uma das portas de entrada para isso. Portanto, é através desse entrecruzamento de disciplinas que a argumentação no discurso se situa, uma vez que, pertence ao quadro da linguística do discurso.

Ademais, apesar autora trazer um referencial teórico extenso ao longo da obra, recheado de conceitos de autores de diferentes áreas, tudo fica mais claro quando são apresentados exemplos seguidos de análises de diferentes gêneros, o que chama atenção do leitor, e faz com que se entenda a proposta apresentada previamente. É nítido que o livro é endereçado àqueles que fazem parte do ambiente acadêmico, principalmente aos que trabalham e pesquisam nas áreas da Análise do Discurso, da Argumentação e a Neo-retórica, no entanto, a própria autora deixa claro que especialistas de outras áreas podem utilizá-lo, como: pesquisadores do campo das ciências políticas, ciências da linguagem e da comunicação.

ⁱ Resenha desenvolvida inicialmente na disciplina de LETRV0073-Estilística, na Universidade Federal de Sergipe, e orientada pelo prof. Dr. Eliabe Procópio.